



Visado pela Censura do Porto

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano V—N.º 130
Preço 1\$00

Redacção, Administração e Propriedade — Casa do Gaiato
PAÇO DE SOUSA

Director e Editor — Padre Américo
19 de Fevereiro de 1949

Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 628-Porto
Vales do Corrello para CETE

De novo ó microfone

E' verdade. Mais uma vez no posto da Emissora Nacional. Foi mesmo no Que-lhas. Muitos senhores. Muitas categorias. V. Ex.^a acima. V. Ex.^a abaixo. Tudo categoria. *Deseja ouvir-se*, pergunta o Senhor que faz a gravação. Olha se não! *Desejo, pois*. São dez minutos. Ei-los:

De novo regresso a este mirante dar notícias da Casa do Gaiato de Lisboa, que o mesmo é dizer, notícias dos nossos irmãos. São as mais interessantes, as mais fundas, as mais suspiradas, —porque humanas. São nossas. Nós somos todos de um género. Melhor; somos todos irmãos.

Pelo nosso quinzenal «O Gaiato», pelos postos emissores, nos pulpitos das igrejas. A todos os auditórios nós falamos do que conhecemos e todos escutam e amam a nossa ciência. São notícias suspiradas. Nós somos todos irmãos. Só por ruindade é que às vezes nos separamos ou, juntos, não nos compreendemos.

A existencia crescente e florescente da nossa Obra, é uma afirmação desta verdade. Aqueles que nos estimam e ajudam, também afirmam a mesma coisa. E os que choram, esses, por cada lágrima vertida, fazem um acto de fé na fraternidade cristã. E' a pedra de toque. A Obra da Rua, é a pedra de toque. Muitos homens tem-se conhecido a si mesmos, depois de haverem observado com os meus olhos pecadores; muitos há, digo, que, na qualidade de visitantes às nossas casas, ali choram pela primeira vez em sua vida. Andavam perdidos, e encontraram-se. Encontram-se de lágrimas nos olhos, que é precisamente a linguagem do coração. Porquê? Porque choram os visitantes? Eles não choram; afirmam com lágrimas uma verdade eterna: Nós somos todos irmãos.

Mas éle não é sòmente a parte humanitária das obras sociais, que leva a comoção às almas; é também e muito principalmente o que elas oferecem de divino. Ora nós trabalhamos por amor de Deus. Nós pedimos por amor de Deus. Nós esperamos por amor de Deus. Há pouco mais de um ano que nos estabelecemos no Tojal com a Casa do Gaiato de Lisboa. Muitas Obras de amparo à creança existiam e existem na cidade. Pois bem. Sem pretendermos ser mais do que elas, somos hoje, de todas, a mais falada. E' o amor que assim o faz.

Tal como no corpo humano, os membros mais doridos são os mais acautelados, assim nós, na grande família humana que é o corpo místico de Jesus, acautelamos os membros mais fracos, os mais doentes, os mais expostos. Há dias, veio ter a uma das nossas casas, um pequeno farrapão com rosto de anjo. Tudo nele era beleza. Os andraxes que trazia, por serem uma nodoa nossa, não lhe roubavam aquela beleza. Chega-se ao pé de mim e fala. Pede trabalho. Eu fiquei admirado de ouvir um garoto dos caminhos pedir trabalho. Costuma ser precisamente o contrário. Eles não querem trabalhar quando se lhes pede que o façam. Este, porém, era uma excepção. Pede trabalho. Eu acudi e quis saber. Perguntei que trabalho é que ele desejava. O rapaz ouvi-me. Ele vem cansado dos carreiros. Põe uns olhos muito suplicantes e responde: *Um trabalhinho que eu possa fazer*. Isto era ao cair da noite. São horas do terço na nossa aldeia. Sobem rapazes do campo e das oficinas e param ao pé do recém-

-chegado. Por aquela maneira humilde e medrosa de pedir *um trabalhinho que podesse*, presumi eu que alguém, noutra terra, lhe tivesse dado trabalhos além das suas forças. Presumi, sim, e não me enganei. Por decôro social, não digo a ninguém a sua história aflita, tão pouco os estragos que no corpo lhe vi. A Caridade tudo suporta. A nossa missão é acautelar e defender os membros doridos do corpo místico de Jesus. Não é protestar. Que outros o façam. Há um outro que chega pelo seu pé. Vem de terra em terra em nossa cata, por ter ouvido falar. E' a fama. Outro farrapão. Dizem haver homens que de trapinhos teem subido a millionários. Do estérco fazem estérco! Nós outros, sendo pobres por voto, enriquecemos muitas almas com este apanhar e defender farrapos vivos. Este que veio de terra em terra, não sabia quem era. Ainda hoje não sabe quem é. A todas as perguntas, responde da mesma sorte: — *Chamavam-me por lá o Manel*. Hoje é nosso. A seu tempo, havemos de descobrir. Por agora, baste-nos o regosijo de o haver-mos encontrado. Que também ele se sinta feliz por nos haver encontrado a nós. Ainda mais um que aparece com muitos dias de viagem, por só caminhar de noite. De dia esconde-se nos montes. Dir-se ia que anda em má consciência, mas não. Não é medo dele. E' medo dos homens. Assim o disse na sua linguagem infantil. Eu ouvi. Hoje já não tem medo. Hoje não foge de ninguém. Hoje ama e é feliz. Porquê? Porque se sente amado. Aonde houver amor, não pode haver temor. Ainda um caso de mais um outro rapaz, perdido na serra da Arrábida, que vai ter a um cantoneiro a pedir-lhe que o receba. E' por medo que o faz. Também este andava por lá, transido. Hoje está na Casa do Tojal. Na Casa do Gaiato de Lisboa.

Isto são alguns casos isolados, mas nós poderíamos entreter os ouvintes por largas horas, com outros semelhantes. São estas as notícias terríveis e verdadeiras, que temos a dar de irmãos para irmãos. Por elas, por amor delas, quizera eu que os responsáveis andassem doravante mais curvados, mais penitentes. Um pêso moral, que fosse para todos uma nova direcção; um novo caminho. Outra vida. Isto quizera eu.

Sim; nós enriquecemos as almas. Eu venho agora pedir nas igrejas de Lisboa para a Casa do Gaiato de Lisboa, como já fiz o ano passado, mas este meu pedir chama-se dar. E' enriquecer. E' semear. A nossa doutrina, por ser o Evangelho realizado, tem acendido nas almas o desejo de dar. E' uma força creadora. E' uma paixão santa e equilibrada. Dantes, era por cerimónia; hoje é com alegria que se dá. Nós enriquecemos as almas.

Nas igrejas do Porto, aonde tenho pedido para a Casa do Gaiato do Porto, recebo inúmeras cartas de fiéis que não assistiram à missa, mas querem marcar presença. Esses mandam a sua oferta com palavras de ouro que são verdadeiras declarações de amor. Há o trabalho de escrever, a despeza de selos, as passadas de ir pôr no correio. Seria mais fácil deixar correr. Passou a ocasião. Para outra vez será. Seria, sim. Porém, aquela força creadora que nós temos semeado nas almas, não se compadece. Não sofre comodismos. Quer abrir as veias, dar por sacrifício, — *Amar*.

Em uma determinada igreja do Porto, vem

ter comigo um fabricante de malhas, a perguntar aonde podia enviar umas duzias de peças de agasalho, e ficou muito triste por eu lhe dizer que estavam remediados. Ele não se conforma com a minha humilde recusa. Queda ali ao pé de mim, silenciosamente. Eu sinto que lhe devo dar alguma coisa, de tão triste que o vejo, e pergunto-lhe que mais fabrica. *Também fabrico peúgas*, respondeu. Sim, senhor. Eu aceito peúgas. Temos muita necessidade de peúgas. Mudou-se o semblante das coisas. De triste, fica contente. Mandou peúgas. Ao ouvirem-me nos pulpitos dir-se-ia que peço e não é assim. Nós damos. Dei a este fabricante a paixão de dar. Uma coisa nova se creou na sua alma. Ele chama hoje doçura ao que dantes chamaria encargo. Nós enriquecemos as almas.

Mas há mais. Há mais segredos divinos escondidos na estrutura da nossa obra. Da Obra da Rua. Nós pedimos com a certeza de recebermos tudo que precisamos. Melhor. Nós já temos tudo, antes de pedir! Quem no-lo dá? Aqueles precisamente para quem pedimos.

Propositadamente relato hoje três casos dos que todos os dias aparecem à nossa porta, para declarar aqui, sem sobras de hesitação, que qualquer um daqueles inocentes, traz na sua mão, escondido, o pão que há-de comer. Escondido, sim. O nosso Deus é escondido. Escondido no seio da Santíssima Trindade. Escondido no seio de Maria. Escondido na Santa Humanidade — da sua vida mortal e hoje, escondido nas espécies do Pão Vivo. O nosso Deus é escondido. As realidades eternas não se veem, mas a verdade é que qualquer daqueles garotos acima falados, por imerecidamente abandonados, trazem em suas mãos martirizadas o pão que comem em nossas casas. E' a justiça que o proclama. A Justiça Imanente de Deus.

Munidos desta couraça, subimos nós aos pulpitos e prégamos aos fiéis esta doutrina velha, infelizmente para muitos, nova e para outros, desconhecida. Mas nem por isso ela deixa de produzir os seus frutos a cento por um. E' ver como nós caminhamos. Ver como todos nos procuram. Ver, sobretudo e acima de tudo, — como nos amam. Tenho dito.

O FAMOSO

O Júlio disse-me hoje, depois de ter pago a terceira prestação, que a tipografia já estava na alfândega. Quer dizer, não leva muito tempo que o jornal não seja feito aqui na aldeia.

Eu ando agora a fazer projectos de como há-de ser a festa daquele dia. Quem há-de vir. Quem não há-de vir. Se foguetes. Se tambores. Se a nossa rabelada. Se tudo junto. Ainda não assentei. Uma coisa é certa, mas nisso não quero pensar por agora. São os trabalhos da tipografia. Segurar a malta. Fechar o tipo a sete chaves, não vão eles tipografar muros e paredes...! E mais trabalhos e mais trabalhos e mais trabalhos.

Mas deixemos o que há-de vir e vamos ao que cá está. Boas notícias. Avelino anda contente. Os senhores escutaram-no. Com o dinheirinho da assinatura, tem vindo o número ou a cinta ou uma coisa e outra. Sim senhor. Mas Avelino quer ir pelo seguro; ele sabe quanto tempo gasta em procurar um entre vinte mil. Sabe, e por isso mesmo disse-me, esta manhã: *Ponha. Ponha no jornal. Lembre o número ou a cinta. Ande, sendo eles esquecem-se. Atice*.

CONTINUA NA 2.ª PÁGINA

O FAMOSO

CONTINUAÇÃO DA 1.ª PÁGINA

E eu cá estou a fazer o que o Avelino manda. Meus senhores, não desanimem. Se alguém no mundo tem razão de o fazer, sou eu; e eu cá ando.

Cinta. Número.

Já temos mais um rapaz na Redacção, o que significa que temos mais sarilhos na dita. Não confundir quantidade com qualidade. Mais sarilhos, sim senhor. Aonde houver rapazes tem de os haver. Por isso mesmo a *cinta* ou o *número*. Tudo quanto facilite o trabalho e dê tempo às *tempestades*.

Levei o Cete comigo a Lisboa. Andou por lá 4 dias. Pois bem. Agora não faz nada. Não faz nem deixa fazer. Relatar. Relatar o que viu. Eis.

O Avelino descobriu uma comedela. Uma comedela de Cambistas.

Vem uma carta de S. Salvador do Congo, de onde retiramos uma carapuçada de angolares: *At em qualquer Banco, como é de lei, trocam com um desconto insignificante. O normal é 2,5%.*

Ora o rapaz chamou a minha atenção, dizendo: *eles levam dez por cento.*

Estes moços reparam em tudo. Eu às vezes procuro remendar, sim. *Olha que não. Estás enganado.* Porém, nem sempre sou bem sucedido. As mantas são tão coçadas, que não aguentam remendos. Afigura-se-me que temos de ir todos para uma vida nova. Coisas novas.

Temos aqui uma carta muito boa. É cheia de elogios, mas não é isso que interessa. O importante, o verdadeiramente importante é isto: *Eu não tenho o direito de guardar este bem* (a leitura do jornal) *só para mim e por isso aí vai uma lista de assinantes.*

Sabem quantos?

Pois vou dizer:

Cincoenta e dois. Todos alentejanos, assim como o Senhor que nos quer bem. Cincoenta e dois! Têm os Bispos do Alentejo um missionário a pregar todos os 15 dias nas Suas extensas dioceses. Quem é esse missionário?

O *Gaiato* não é mais que o *Evangelho vivo* pregado *evangêlicamente* em nossos dias. Note-se que a resolução deste senhor nasce daquela convicção. Eu nem sequer o conheço, tão pouco Ele a mim. Não somos compadres. É o Evangelho que o inspira.

E o Instituto de Odivelas?! Que é das palavras para enaltecer? O Avelino disse-me que nunca vira tal perfeição! Um mapa. Um mapa irrepreensível de clareza! O número. O nome. A quantia. Uma coluna especial para os deles que vão na coluna da tipografia, e são tantos!

Os nomes de novos asssinantes, com a mesma precisão, e são tantos!

Outra coisa: Sendo os assinantes tirados do Pessoal do Instituto, grande chama ali anda, para cada um ter o seu! Cada um quer o seu jornal!! O vulgar é pedir. *Empreste cá se já leu.* E também não é raro o *se eu posso ler o dos outros para quê assinar?* Muitos assim ruminam e assim fazem. Não assim no Instituto. Vinte e oito assinantes antigos. Onze assinantes novos. Grande chama ali anda!

Hoje de manhã passei pela cozinha a caminho da capela. Faço dali uma ponte. Estavam o Barros, o Abel, o Fominhas, o Faisca, o Valete, o Rola, o Malaia. Estavam à roda da mesa, ocupados com tijelas de leite e nacos de boroa, a chilrear. Todos de sobretudo e de boina. O Norberto emprestara os sapatos ó Malaia. Sapatos novos. Os mais iam vestidos e calçados com roupa sua. São os vendedores.

Os comunicadores vivos da obra. Por eles sabe-se tudo. Eles levam notícias e trazem notícias. É a Rua a falar. Os vendedores do Tojal queixam-se de Lisboa. Da Rua de Lisboa.

São malcriados, é a classificação que o cronista lhes dá. E em casa, diz-nos que tem vergonha de repetir o que ouve! Ele e os outros vendedores!! Por isso fogem para as portas das igrejas. Escolhem aqueles refúgios.

Alguem afirmou que as Igrejas são escolas de crime. A creança sabe melhor. Sabe e vem aqui dizê-lo. Ela foge das *Escolas do Crime* e vai para as portas das igrejas.

Mas vamos ao que importa. Não sei se acontece o mesmo com os mais *escritores*. A mim, nascem-me as ideias e as imagens e as palavras e eu tenho de me segurar.

Pois estavam os sete vendedores. O Rôla despacha na Câmara. O Abel, nos correios. O Fominhas na alfândega. O Faisca, no Banco Espírito Santo, e servidos que sejam aqueles

LATAS

Estamos habituados a ver aqui, quase todos os dias, *espadas* e *charruecos*; mas, não sei por quê, naquele dia mal apareceu à porta um automóvel, logo vinte vozes me trouxeram a notícia: eh que valente espada ali chegou!

Apearam-se três senhoras e um rapazinho. Traziam ainda um outro de Lisboa, mas tiveram de o deixar em Loures, numa leitaria. Tão fraco vinha que nem num valente espada conseguiu aportar. Foi por ele um dos nossos Rapazes mais antigos enquanto as Senhoras contaram a história. História tão triste e desumana que logo fiz o propósito de a tirar a limpo pelos meus próprios olhos.

Ficou o doente, e, no dia seguinte, já refeito das privações anteriores, puzemo-nos a caminho na direcção que ele indicava — é para os lados da Estrada da Luz.

O Overland — que belas missões ele tem desempenhado! — gemeu com toda a força dos seus quinze cavalos pela Calçada de Carriche, e, orientado pelo recenhegado, subiu ao ponto mais alto da estrada militar. Era ali, o *Casal-do-Malpenteado*.

Os olhos podiam estender-se pelos montes e vales além; para o azul sem fim e para o mar distante e para o casario da cidade que ficava em sentido oposto.

Como Deus é grande! Quando queremos compara-Lo com qualquer coisa de terreno, invocamos o poder dos exercitos, a extensão dos mares o infinito do firmamento, a força da morte e até a do amor mais forte que a morte. Pois estava ali tudo reunido para que nada faltasse à grandeza daquele cenário.

Aqui e além, as sentinelas, as casa-matas, as trincheiras, os depósitos de material de guerra, os quartéis. Morte em peso por detrás das Linhas de Torres.

Entre folhagem de canas o *Malpenteado* aponta um pobre casebre de latas. Apeamo-nos e entramos. Estava ainda intacto. O espaço era todo ocupado pelos ferros velhos duma cama sem encherga; ao lado uma bacia de cacos ainda com a água suja em que a mãe lavava os mais pequeninos de dois e quatro anos.

Era tudo.

— Como é que vocês cabiam aqui todos?

— Meus pais ficavam na cama e nós dormíamos todos os seis, debaixo.

— E a comida?

— Iamos à sopa ao quartel e o resto cozia-se lá fora...

— A tua mãe morreu há muito?

— Há oito dias.

— E o teu pai?

— Depois que a minha mãe morreu, só veio aqui uma vez e disse: «Não quero saber mais de vocês. Cada um arranje-se como quizer. Nunca mais cá voltou.»

Era o amor de mãe que mantinha à sua volta o rancho dos filhos. Mas as privações, o pão tirado à boca, o frio, o trabalho demasiado, o abandono do marido, acabaram por minar-lhe a saúde. Quando as vizinhas quiseram leva-la ao hospital, era tarde. Morreu no caminho. A morte foi mais forte que o amor!

As seis crianças ficaram sós, no casebre.



Do que nós necessitamos

Esta veia, agora, anda um nadinha esquecida. Assim tinha de ser. Deu-se o tiro da tipografia e a água acudiu lá. Desviou-se, sim, mas não se perdeu. Por onde quer que passe, rega. É da natureza da água. E rega no mesmo campo.

Ora vamos lá. Os senhores lembram-se da notícia do Norberto? O Norberto com as chaves das gavetas do refeitório enfiadas num barão e suspensas do pescoço? Lembram-se? Gostava tanto de o ver subir às cadeiras, encostar o nariz à porta do armário, encostadinho de todo, e enfiar a chave no buraco da fechadura. Gostava tanto! Perdi esse gracioso espectáculo. Actualmente, o Norberto anda de cinto e este com uma argola preciosa e nesta uma corrente preciosa e na ponta

Continua na página seguinte



fregueses, tudo vende nas ruas. O Cete não. O Cete não põe o pé nas ruas. Vai a duas casas e ali despacha dois centos. Ninguém sabe aonde é!

Os sete vendedores aqui em casa são muito dados. Têm medo uns dos outros. *Olha que eu roubo-te a Alfândega!* São ameaças terríveis.

AQUI, LISBOA!

Foi-se a luz dos seus olhos; apagou-se de vez o lume que se acendia fora da porta. E lá ficaram os orfãos, vestidos de luto a olhar uns para os outros enquanto os mais pequeninos choravam já com fome.

Foi então que o pai entrou: Cada um que se arranje! E lá se foi para a vida livre... Amor livre!

Os que o prégam, deviam acudir para salvar os inocentes; mas não.

Vieram as vizinhas caridosas, vieram as senhoras a quem a notícia das crianças chegou, e veio um padre.

Só a Caridade triunfou da morte.

HOSPITAIS

Antes de entrar no Tojal, chegou-me aos ouvidos a queixa dum pobre doente da Casa de Saúde de Montachique: *estamos para aqui abandonados...*

Esta palavra *abandonado* faz estremecer, quer se trate de crianças, quer de doentes, quer de selvagens, quer de almas cristãs. O abandono na criança provoca o crime, no doente apressa a morte, no pecador o desespero e no selvagem agrava a barbárie.

Acudi logo que pude.

A primeira vez encontrei todas as portas fechadas: — O senhor doutor manda dizer que não quer visitas.

Voltei e tornei a voltar. Agora somos acolhidos com simpatia. Quantos amigos que já não encontramos na visita seguinte...

Acabo de receber uma mensagem de alguns doentes. Querem o *Gaiato* e mandam o dinheiro que puderem juntar.

Doentes de Montachique: quísera ajudar-vos a levar a vossa cruz. O vosso Enfermeiro, aliás muito amável, garantiu-me que não necessitáveis de amparo moral. Que a vossa doença era só física e, para isso, lá estava ele.

Ilusão!

Um de vós compara os Médicos e Enfermeiros aos bombeiros que querem apagar o fogo, mas não tem água. Muito desejam eles curar-vos, mas está por descobrir o remédio. Daí a vossa dor. Dor moral que ele desconhece.

No dia de Natal eu vi chorar alguns a ausência da família, as privações dos filhos, a falta do braço forte do pai ou do carinho da mãe. Daí a vossa dor, dor moral que o enfermeiro não sabe tratar.

A vossa direita e á vossa esquerda, a morte ceifa diariamente companheiros de muitos anos de infortúnio. Que é a morte?

Que se segue depois dela? A dúvida, a incerteza, o remorso — tantas dores morais que atormentam mais do que o mal de peito e para os quais o enfermeiro não encontra remédio. O Senhor da vida, da saúde e da morte, foi a nós, seus discípulos e ministros, que confiou o remédio e não aos médicos que sofrem do mesmo mal.

SELVAS

Mais recados. Não chegamos para as encomendas. Agora é um moribundo distante, de trinta e tal anos, que pede o baptismo. Ouvimos lindos contos dos missionários embrenhados nas florestas do continente africano. Não é preciso ir tão longe. Aqui às portas de Lisboa, há muitos que nunca ouviram falar em Cristo. Cristãos só o são por desejo.

Entro na casita do doente. Pobreza absoluta. Telha-vã e soalho terreo. Não há crucifixo nem imagem alguma. Administro o baptismo, deixo uma palavra de resignação e uma esmola para os remédios e saio até ao adro duma igrejainha antiquíssima.

Despovoa-se a aldeia para ver o padre. Medem-me dos pés à cabeça. Desde a *pneumónica* nunca mais lá tinha aparecido nenhum. Homens de 40 anos não se recordavam de os ter visto.

Entrei na igreja através duma brecha na parede. O baptisterio sem telhado conserva a pia cheia de entulho e ervas crescidas. A desolação.

Mas de todos os lados ouço uma só voz: arranjem-nos a igreja; não temos *aonde alumiar*.

Tantas dezenas de anos que o carro do abandono e da descrença calçou aqueles caminhos, sem conseguir abafar o germen de fé. *Queremos alumiar*. Portugal foi sempre cristão!

E aqui está, minhas senhoras e meus senhores, como os gaiatos da rua nos levam a toda a parte: às latas, aos hospitais, às selvas.

Sentimos que a seara é longa e poucos os operários. Muitos são os que jazem nas sombras da morte, mesmo os que moram na Estrada da Luz.

PADRE ADRIANO

A!

A NOSSA TIPOGRAFIA

OUTRA VEZ LISBOA

Atrasado . . . 55 contos

Começamos hoje pelas listas colocadas no *Espelho da Moda*, às ordens do estimado público. Temos aqui sobre a mesa três delas, sendo uma de cem, outra de quinhentos e outra de mil escudos. Tudo papinha muito bem feita; segundo a soma que cada um pretenda dar, está a lista adequada. Ora eu catei as três delas e eis os resultados: Na lista de cem, há 55 sinais. Na lista de quinhentos, há um sinal. E na lista dos mil, há 13 sinais. Digo sinais, não digo nomes. Estes sinais são quase um sacramento; produzem em outras almas o desejo de dar. Não se esqueçam os senhores leitores destas listas e queiram aproveitar as facilidades. E' no 54 aos Clérigos.

E também de Valongo. E também do Porto. E também das Caldas. A carta não traz nome nem por dentro nem por fora. O endereço é único: *Tipografia da Casa do Gaiato*. Eis um reclame original! E também do Porto. E também de Sarnes. E da Figueira. E de Santo Tirso. E uma a dizer que depositou na *Fonte dos Amores*. E também do Porto. E mais um do Porto: *Devia enviar-lhe uma libra, em ouro, mas acho preferível mandar quatro notas*. Também eu. Quando o papel inunda, o ouro não corre. As libras hoje não passam. E também do Bairro Ameal. E dos Restauradores. E' de um dos leitores de cabo-a-rabo: *Eu até leio avençal*. E também de Aveiro a dizer que quer *assentar praça nos 5000*. E' um advogado. Teem chegado até nós as mais eloquentes e graciosas expressões: *quero assentar praça*. E de Lisboa. E de Amaranthe. E outra vez Lisboa. E ainda Lisboa. São Elas. Quatro d'Elas. E da Guarda. Mais um de Tomar: *achei excelente a ideia dos cinco mil e aqui estou*. A carta é extensa. Traz sangue novo. Ora leiam: *Estou plenamente convencido de que a melhor forma de pôr o dinheiro a render, é aplicá-lo em obras como essa*.

E' um rapaz cristão. Cristão novo. Assim como pela escrita, também pela fala o deve conhecer como tal, quem tiver a dita de com ele conviver. Olçam mais: Depois de rogar a Deus que ajude os que se gastam na obra, ele vai direitinho à fogueira: *inveja e gostaria, sim, de pôr dessa forma a minha vida a render*. Agora a cupula: *Esperai o meu primeiro ordenado para dele tirar essa importância*. E de Gaia. E da Figueira. E Três de Gondomar. E da Guarda. E do Porto de Mós; é Uma. E de Portimão. E de Algueres, é Uma. E' a senhora humildade que passa: *ndo é para fazer parte da lista; é para o trapo de limpar o pó à nossa tipografia*. Mais Uma de Lisboa. Outra vez de Lisboa; uma de cem—outra de metade. E do Porto. E do Porto. E do Porto a dobrar. E de Valadares. E' Uma. E' eloquentíssima. *Embora pensionista da Caixa de Previdência por morte do meu querido marido, recebendo uma pequenina pensão, venho também contribuir*. O Pai Celeste revela-se e dá o Seu Reino aos humildes. Vejam aquele *meu querido marido*. Querido! O verdadeiro amor é mais forte do que a morte! E do Porto. E de Infesta. E de Setúbal. E de Lisboa a dobrar. E de Cortegaça. E de Castelo Branco. Mais de Lisboa um Victor e um benfiquista. E de Lamas da Feira. E de Lisboa 20\$00. Parece pouco e é um mundo! Ora vejam esta riqueza: *Sou funcionária. E' esta a única razão porque não posso enfileirar na ala dos 100\$00*. Pode sim senhor. Pode e vai. Vai à frente. Gosto do dinheiro quando o oiço assim falar: *Vejo que todos dão e isto deu-me coragem de mandar este pouquinho*.

O' Ala de Namorados; que mais belo Cortejo se formou jamais em Portugal! E também de Anta; é Uma. E também de Gouveia. E mais para o *calço da perna da máquina grande*. Parece ser de alguém que sabe disto. Eu cá não sei que perna é, nem calço, nem nada. E do Porto. E de Lisboa para um parafuso. E outra vez do Porto. E também de Lisboa. E' uma. Assina-se, até, *Uma Maria de Lisboa*. A carta é em verso. Levamos poetizas: Ora leiam:

*E' para mim uma honra,
Que me dá muita alegria
Contribuir para a compra
Da nossa tipografia.*

*E' uma pequena ajuda
Dada com satisfação
Que até parece que a nota
Me saiu do coração!*

Mais um poeta também de Lisboa. Não rima, mas é poesia. *Para a nossa querida e desejada tipografia.*

Nossa. Não é dele, por isso mesmo, *querida!*

Comunismo cristão. O poeta continua: *a tipografia está no meu coração e no de toda a minha Família*. Um só pensar naquela Família. União. Vínculo sagrado do matrimónio cristão!

A nossa tipografia já começa a produzir obra antes da sua instalação. São milagres do amor. Quantos olhos marejados; quantas nobres resoluções na alma dos que leem esta nova secção — quantas! Sim. A nossa tipografia já começa a trabalhar. E um Portista. E' um tripeiro que não quer ser Portuense e diz-se *Portista*. Muito bem. Também caminha na fila. E de Cantanhede; é um Sacerdote. *A tipografia vai ser um catecismo*, afirma aquele sacerdote. E de Lisboa, *para um parafuso*. E de Leiria outra vez um Sacerdote. Gosto. Gosto de ver muitos padres nesta revolução com a política do Pai Nosso. E de Lisboa. E das Caldas da Saúde *com pena de não poder mandar dez mil*. Não mandem. Antes quero muitos a darem pouco. E de Ferreira do Zêzere. Eis aqui um *Tripeiro* a falar. A eloquência. *A' memória da minha mãe 400\$00. A' memória de minha mulher 400\$00. Pelos meus 7 filhos, 700\$00*. Uma grande e numerosa família nas fileiras. E de Melgaço. E de Lisboa: *Gostaria imenso de fazer parte da coluna, mas o meu magro vencimento não me dá esse direito. Basta que lhe diga que sou um funcionário público para não ter necessidade de dizer mais nada*. Mas vai na coluna. E' um soldado de desejos pelo que leva a muito alto o pouquinho que deu. Vai pois. Vai nos primeiros. Tenho pena de tantos gemidos do funcionalismo. E de Penafiel. E do Porto. E de Baltar. E de Algueres: *envio agora 20\$ e o resto irá aos poucos. Esmola de pobre, dada de coração*. Isto queima as almas!

Ora vamos agora à traduçãozinha:

atrasado	55.000\$00
Hoje	26.700\$00
Soma	81.700\$00

Faltam 418 contos.

Do que nós necessitamos

Continuação da página anterior

o monte das chaves. Todos os dias, à hora do café, hei-de ver o aparelho completo e ver também, como ele abre as gavetas: *Olhe; agora é assim*.

A primeira argola, foi dada nas ruas do Porto ao Carlos Veloso, quando vendia o Gaiato. E depois disso, pelo correio, mais e mais e mais! Qual gato com seu chocalho, assim o Norberto: *Olhe, quer ver? E abre gavetas*. E abre portas. Eu acho isto simplesmente maravilhoso. Isto, o interesse dos leitores pelas coisas da nossa casa. Seria uma Intromissão, se não fosse amor à creança!

Mais mil escudos de Quelimane. Era um cheque dentro d'um envelope sem mais nada. Mais 50\$. Mais 100\$. Mais o Dr. Zéquinha. Mais roupas de Aveiro. Mais de Braga 30\$50 primeiro aumento no meu ordenado. Primicias. Foi sempre assim. Quem ama, dá o melhor. Os Empregados da Firma J. Marques do Porto, oferecem 150\$. Mais roupas. São do meu filho. *Que saudades eu tenho do tempo em que ele usava calções*. O acondicionamento da roupa, era irrepreensível. Qualidade,—não se fala! Nem admira. Tinha de ser assim. E' ver a declaração da mãe. Música sagrada!

Tenha confiança, Boa Mãe. Acredite. O Mundo não leva os eleitos. Ele saberá pagar, hoje de calças compridas, o amor que a Mãe lhe tinha, quando usava calções. Sim. Mais de Lisboa: *No dia 23 dei uma sessão de cinema a uma porção de rapazes. Eles fizeram uma quete para a sua obra. Sensibilizaram-me. Não esperava. Aqui tem 9\$50*. Mais roupas de Montreal. Mais 20\$ por eu ter conseguido com distinção a carta de condutor de auto.

Mais. Isto é que é bonito. A Casa do Gaiato pela província de Moçambique em delicioso peregrinar!

Inhambane	1.655\$00
Quelimane	100\$00
Lourenço Marques	260\$00
Nampula	450\$00
Beira	450\$00
Chinde	1.140\$00

Chegara de uma viagem e eis que me foi preciso tornar. Tornar a Lisboa. Gemi. Custa-me sair de casa. Os anos. O desgaste. A necessidade da presença. Custa-me e gemi. *Vá d'avião*. Nunca em tal pensara! Pois vou d'avião sim senhor. Aquilo não é de cair; é de voar. Telefonei para o Júlio. Pronto. Bilhetinhos. Ida e volta. Estava o Teles. Estava o Mondim. Amadeu. Carlos. Adriano. Todos à minha roda a quererem ver o bilhete. *Deixe-me ver*. Eu era para eles, naquela hora, uma pessoa estranha e rara. *Avião! Ir de avião! Eu ia de avião!* Eles foram todos para os seus empregos e eu para as Pedras Rubras.

Não podemos sair, foi a voz do Comandante. Nevoeiro na Portela!

E ali em Pedras Rubras era chuva e vento!! Não podemos sair. E agora? Agora nada. Prá frente é o caminho. Eu acredito na técnica; na inteligência dos homens, quando a malícia a não empana. A's 15 horas, estava o céu aberto. Subimos. Até S. Jacinto, aqui e ali ondas de nevoeiro. De ali para baixo, límpido. Eu cá ia simplesmente deslumbrado!!! Foi para mim uma hora santa. Presença de Deus, pelo Seu poder creador. Era o que eu via em tudo quanto vi. Presença Real, em todas as igrejas sobrevoadas. Foi para mim uma hora de adoração. *Já estamos sobre o campo*. Outra vez a voz do comandante.

Era Lisboa!

Uma hora!! As terras tinham-se sucedido.

Mal saídos duma, entravamos na outra. Eu conhecia as do Morris. Lá estavam as estradas, os ZZZ, os Candrios, as ribanceiras. O Morris-inho! O inho!

Vem a hora de largar a aeronave. A Assistente entrega-me um pequenino embrulho, enquanto diz: *para os seus rapazes*. Fui a ver. Era dinheiro! A tripulação tinha-se juntado e todos deram. Já em Pedras Rubras, me não deixaram pagar o almoço: *Está pago*, disse-me o dono da pensão. Por ele não, já se vê. Pois é verdade. O Comandante, Operadores e Assistente, quizeram ser gentis! Eu não disse nada mas eles sabiam tudo. O mundo sabe tudo e o Mundo dá tudo: *Tome para os seus rapazes*. A mil metros de altura, a Pobreza não perde nada dos dotes divinamente aliciantes. Fossemos nós uma obra rica, quem é que nos via?! Que os meus sucessores ponham aqui os seus olhos e saibam que só enriquecem as almas naquela medida em que amarem a Pobreza.

Lisboa. Eu tinha chegado de avião! Adeus comboiinho e horas lentas e pó das máquinas e revisores a trincar bilhetes agora e logo.

— Olhe que já está visto.

— Faça favor de tornar.

E pronto. O remédio é tornar. *Aqui tem*. A's vezes vai a gente a dormir, consolado. Talvez para alguns aquelas horas sejam necessárias. Não importa. Um toque, dois toques, tantos quantos, até o sujeito acordar: *O seu bilhete?* Dantes era o passe. Depois que mo tiraram, é o bilhetinho. *Tome!*

Noutas terras da Europa não é assim. Dá-se o bilhete à entrada dos comboios e o mais são portas abertas. Nem nos importunam na viagem, tão pouco à saída nos tornam a importunar. Portas

Continua na última página

Quatro contos redondos que chegaram cá em vale do correio e são uma contribuição de muitos, segundo a lista de nomes que tenho aqui. *Sou um carola da Casa do Gaiato*, afirma um senhor de Inhambane, responsável por estas escovadelas ultramarinas. *Foi um jornal que eu li*, — afirma, ainda, ele na mesma carta, *tornei-me um caudilho em favor da causa*. Mais do Brasil 602\$00.

Oiçam mais esta: *Mando-as porque é sacrificio separar-me delas, visto ter sido sempre grande desejo meu, ter um fio de perolas*. E' um colar de pérolas que me entregaram na maré do peditório na igreja de S. Domingos. *Não entrego pessoalmente. Este último acto é também sacrificio, pois muito gostaria de o conhecer. Reze por mim, por meu marido e filho*.

Eis aqui um ponto de meditação. Não são as perolas; é, antes, o que o fio delas serve. Abençoadas joias e dinheiro e riquezas quando servem nobres causas: *é sacrificio separar-me delas*. O fundamento do cristianismo. A marca do verdadeiro cristão. Ninguém há que siga o Mestre sem se munir da Cruz; *ninguém*. Pode ir por outros caminhos como muitos fazem. A estrada é larga. Podem, sim, mas vão errados. E mais nada.

Isto é a Casa do Gaiato

CORREU voz que a senhora dera ordem aos cozinheiros para perseguirem e abater os garnizés. Duas razões. A primeira, a mais séria, é que eles dão coça nos dois galos de raça, pelo que estes andam fugidos e a sangrar. E a segunda, mais velada, é que a senhora vê na presença deles, garnizés, um prejuízo no apuramento da capoeira. Racismo!

Ora muito bem. A voz andou e com ela, andaram acto contínuo, o Cête mai-lo Moreira. Aquele, larga o escritório e vai em cata do garnizé dos da Redacção. Não pediu licença ao Avelino, como sempre faz quando sai. Tratava-se de salvar uma vida. Havia o perigo de que o garnizé se perdesse. Foi e trouxe-o e fechou-o num armário. Assim o vi eu, quando, naquela manhã entrava.

Como não era costume ver ali a ave, estranhei, naturalmente, e foi então que eu soube das sinistras ameaças. Lá estava o Cête a narrar. *Vamos metê-lo no aviário. O garnizé é nosso. E' da Redacção.*

Horas depois, passo pelo aviário e vejo dois garnizés. Também lá estava o garnizé do Moreira; melhor. O casal do Moreira. Também êle, ao tomar conhecimento da notícia da senhora, larga os fregueses na loja com a cara ensaboada, e vai pôr em seguro o que lhe pertence.

Houve depois um grande comício provocado pelo Cête, o rapaz que mais ferve cá em casa. Tudo estava contra a senhora. O Moreira, qualificou de cisma a sua resolução: *Foi cisma que se lhe meteu na cabeça e não quer os garnizés.*

Seja como fôr, estão salvos. Estão salvos os garnizés. Estão no aviário e por ora está tudo em sossego.

EU tinha chegado de fora. Quatro dias de ausência. Ai vem o Avelino com o correio. Sentamo-nos no chamado escritório e dispuzemos as coisas para começar o trabalho. Ali estavam os quatro dias, por datas, na ordem maravilhosa do rapaz. Quem é que não aprecia o silencio em horas assim?! O despacho. A hora do despacho que nunca deve ser perturbada, para haver bom despacho. Quantas vezes, por causa d'esta hora, não me venho eu embora dos Ministérios: *Sua Excelência está a despacho com o senhor Director Geral.* E pronto. O remédio é desandar pelas escadas abaixo. Ora aqui deveria ser na mesma, mas não é. Mal começamos a abrir cartas, ai vem uma deputação escadas acima, à frente o Norberto, e todos de mãos ocupadas. *Estão a nascer.* Pintainhos. Eles traziam as mãos cheias de pintainhos. Que importa o monte de cartas que estava ali à minha frente, com lágrimas e dinheiro; que importa?! Os pintainhos sim. *Ora pegue. Pegue num.* E eu peguei num pintainho.

MAS não ficamos por aqui. Agora é o Arouca. O Arouca dos porcos. Esse berra da avenida, por debaixo da janela do chamado meu escritó-

rio. *Venha ver. E' êle. E' êle mai-la ninhada.* A porca e dez porquinhos!

Eu sei que muitos se agastam por eu não ler nem responder às cartas, no que teriam na verdade razão, se não fossem estas coisas sem razão. Digo bem; sem razão. Os pintainhos e porquinhos, poderiam vir depois. Não deveriam perturbar os meus trabalhos. Não há razão para isso. Mas quê,—a vida. O sangue novo. A alegria. *Venha ver! Adeus cartas.*

ONTEM apresentaram-se quatro. Já tinham chegado há dias, mas como eu estivesse ausente, eles comiam na cozinha do forno e dormiam no palheiro, à espera. Quatro. Trez de Santo Tirso e um fugido a um Circo, que não sabe de onde é! O orador, era um dos de Santo Tirso. Não tinha papas na língua. A causa d'ele e dos outros, era mui bem defendida. Depois falei eu. Quatro — nem pensar. Se fosse um, talvez se desse um jeito, assim,—não.

Comeram o caldo. Dei a cada um sua moeda de prata e com isso os despedi. A' noitinha, sinto bater à porta do meu escritório. Era um dos desgredados. *Cá estou!* E' o do Circo. E' o que não tem ninguém. Trazia a moeda de prata que antes lhes dera, e entregou-ma! Os de Santo Tirso, disse ele, sempre teem por lá alguma família; eu é que não. Esta foi a doutrina do pequenino concílio que eles houveram, entre si, a uns tantos quilómetros da nossa aldeia. Os Parias a fazerem doutrina. O estêrco a ensinar: *Sim. Vai tu que não tens ninguém.*

Oh Homens das Esquerdas e das Direitas; encontrei-vos aqui a chorar!

Nem há-de ser no edificio das escolas. Há-de ser na terra. Um mastro no chão. Que ninguém ofereça sem perguntar se já temos.

FAISCA veio ter comigo muito de mansinho. Injecções. Queria injecções para mandar à sua mãe. Injecções do reumatismo, como ele especificou. Eu disse que não. Era preferível mandar dinheiro e ela compraria o que convém. O rapaz escuta as minhas razões e dá as suas. Que não. Dinheiro não. *O meu pai acaça-lho.* Ele sabe. Ele tem sido testemunha de desavenças quando vivia em casa. Foi ele o portador. E' ele o defensor da sua mãe.

Orlando Nightingale é o nome verdadeiro do Faisca. Tem sangue da célebre Enfermeira que no seu tempo, derrubou um dos poderosos governos da poderosa Rainha Victória! Que fez ela para tanto?! Nada. Não fez nada de extraordinário. *Amou.* Eis.

O Moléstia está melhorsinho. Entrou já em convalescença. Passa horas encostado a um muro da quinta, escondido na era à côca. Ele arranhou uma naça e arranhou pescoceras e arma o arsenal com migalhas de pão. E' uma zona perigosa. *Minas...* Tanto mais quanto é certo não haver sinal nem aviso de perigo. Consequência? Os passarinhos caem. Resultado? O nosso aviário enche-se. Ora aqui está.

Os garnizés mai-las garnizés lá estão. Dois casais. Moreira anda num sino, de contente. Ninguém lhe vai os ovos, como faziam quando as aves andavam soltas. Hoje veio-me dizer—*já estão seis.* O rapaz dispôs um caixote de palha muita fôfa e as duas galinhas recompensam-no. *Já estão seis.* Eu também goso mais um nadinha de paz, com este arranjo.

Os dois galos, dão-se bem. O da redacção e o do Moreira, dão-se muito bem, felizmente. E' uma grande sorte para mim. Nem se calcula quanto bem isto me acarreta! Muitas vezes tive de ir apartar, não os galos,—mas os donos! Por causa da luta dos galos, brigavam os donos! Agora não. Oh paz!

Notícias da Casa do Gaiato de Lisboa

por JOÃO PEDRO

1 Como já disse, tínhamos um passe para um de nós poder viajar nas carreiras de Bucelas, que são as que passam ao Tojal. Este ano o Doutor foi a Bucelas e lá falou com senhor Caiado e ele mandou passar três. Para o ano será meia dúzia.

Todos os empregados desta companhia se dão bem connosco e nós, bem com eles.

Deve haver gente em Lisboa que não vem visitar-nos, por julgar que só se cá vem de automóvel.

Esta empresa tem carreiras de hora em hora para Bucelas e Fátima que por aqui passam.

São três quartos de hora de viagem por 4\$70. Mas... é bom que vão marcar os bilhetes de véspera porque à própria da hora é um caso sério...

Viva a camionagem de Bucelas!!!!...

2 Já há três números, que não dou notícias do «famoso» e, por isso, muita gente está com curiosidade de saber como isto vai.

A primeira coisa, é que já somos 16 vendedores. A princípio, eramos só dois. Os outros não mereciam confiança. E' sinal de que eles já são mais seguros...

Estes 16 rapazes espalham-se pelas igrejas principais. Não gostamos de vender pelas ruas, porque, há gente malcriada que dá más respostas. Vão três para Fátima; dois para S. Domingos; três para S. Sebastião; dois para a Estrela; dois para o Estoril, e, mais dois para os Mártires. Esta quinzena, rendeu, quase, 1.300\$00 e trouxe-nos uma data de embrulhos e bilhetes para irmos a algumas casas buscar coisas. Os mil jornais têm-se vendido sempre.

3 Como o ano passado, ainda não tínhamos carros, nem bicicletas, passamo-lo sem licença alguma. Este ano, já não foi assim: para não termos que pagar multa fomos à Câmara de

Loures tirar as licenças. Primeiramente, foi lá o Chaves mais o Alfredo; mas, não conseguiram nada, porque não passavam as licenças, sem o retrato de quem lidava com os veículos.

Então, fui lá eu. Mas tive que falar, quase, com toda a gente da Câmara.

Quando eu lá cheguei e pedi as licenças, perguntaram-me:—«Como se chama o teu pai? Onde moras? Como se chama a tua rua? E o nome da tua mãe?—Ora eu, já estava a ver tantas perguntas, disse:—Eu quero as licenças passadas em nome Casa do Gaiato. Então muito admirados, disseram:—«Como pode ser isso? Todos têm, que ter uma licença a que se dá o nome de matrícula...» Tornei a responder:—Isso, não. Ou me passam uma para todos, ou, não levo nenhuma.

Neste caso, todos os que sabem andar de bicicleta se servem dela, e todos os do campo, lidam com os bois.

Então temos que tirar 50 retratos?...—Não pode ser...

Se nos multarem os senhores são testemunhas, como nós queremos tirar as licenças e não nos a dão.

Então eles foram tratar do caso a sério e na volta trazia já as tais licenças, sem fotografias; sem matrículas, nem nada parecidol

4 A nossa quinta está cada vez melhor! O trigo que semeamos já está nascido. As laranjas quase todas comidas, as que se venderam renderam 7 contos e cem escudos. Plantamos 50 milheiros de cebolas, e agora andamos a semear uma tonelada, de batatas.

Os canos de esgoto já estão prontos a ficar e os pedreiros andam a reparar a nova enfermaria.

Somos agora 54 rapazes, mas logo que estejam concluídas as novas instalações podem vir mais 10. O nosso Pai Américo também vai renovar as igrejas de Lisboa, no dia 30 de Janeiro em S. Domingos, depois vai às outras.

UM dos nossos rapazes vem fazer-me de vez em quando um pedido singular. Quer a bandeira. A bandeira nacional.

Ontem, passavamos os dois pela nossa escola, a mirar um candieiro de ferro, suspenso de um angulo do edificio, quando êle de novo me diz: *E a nossa bandeira. Quer que eu a vá comprar o Porto?*

Não. Eu não quero que ele a compre no Porto. Quero que tu a ofereças.

Outra vez Lisboa

Continuação da página anterior

abertas. Gosto assim. Confiança. A Confiança.

Mas eu agora já descobri. O Cabo só foi caminho da India enquanto não veio o Suez!

As horas que ganhei na viagem, deram-me para muito, em Lisboa. Trazia um cheque sobre o Banco Ultramarino e lembrou-me ir descontá-lo. Pouco dinheiro. Mil escudos de um assinante de Quelimane.

O homem do Banco toma o cheque. Vira e revira. Olha para mim.

—O senhor tem bilhete de identidade?

—Olhe que não.

—Então tem de ir a um notário.

Eu gemi o notário. Que não conhecia nenhum em Lisboa. Que tinha muito que fazer. E mais. E mais. E mais. O tesoureiro fita-me de novo.

—Mas você não traz nenhum documento que o identifique?

Meti as mãos ó bolso de dentro e tirei a carteira. *Está aqui isto, e dei-lhe para a mão.* Era o cartão do seguro do nosso carro.

—Isto não serve.

—Olhe que é um Morris.

—Não serve, já disse.

Cuidava eu que um homem que tem um carro e dinheiro para o segurar, vale sempre um conto. Enganei-me. *Isto não serve.* Outra tentativa:

—Olhe isto. Era o bilhete do avião.

—Isto também não serve.

—Olhe que é o bilhete de regresso. Eu vim nele do Porto.

—Não serve.

Nada serviul! O Morris. O Dakota. Eu mai-la minha importantíssima fama—Nada. *Não serve.* Só o Notário. Um Notariozinho e mais ninguém.

E' o medo. Do medo vem a segurança. Da segurança a força. Quanto maior for o colosso, maior o medo, a segurança, a força. Por isso eu quero ser pequenino; sempre muito pequenino, para não meter medo a ninguém!

E vim-me embora sem o meu rico dinheirinho. Lá ficou no Banco. Sai corrido. Isto foi no começo do dia. Muitas dezenas de funcionários enfiavam as mangas naquela hora. Parei fora das portas emedi o edificio. E' um talhão de quatro frentes e muitas janelas. As letras, abarcam uma fachada inteira, de grandes. *Caducidade*, disse eu comigo mesmo, enquanto me ia afastando! *Vacuidade*, tornei eu a dizer. Este Banco já esteve quase e outros teem naufragado, como é da história!

Senhor, dai-me sempre cada vez mais luz... para eu ver!

Cheguei a Pedras Rubras. Estavam Alfredo e Avelino e o Morris. Até Valongo, foi um desfiar. Eu já ia cançadinho de contar. Eles, ansiosos por mais. *Conte. Conte mais.* Tornei a investir. Agora falei das alturas. Viemos a mil, mas aquilo sobe a quatro mil metros. O Alfredo dá um estremeção: *Ponha no jornal. Ande, peça. Peça às senhores um avião prá gentel*